

**Resenha da obra “Formação online de educadores: identidade em construção”  
de Ana Hessel, Lucila Pesce e Sonia Allegretti (org.)\***Aglaé Cecília Toledo Porto Alves<sup>1</sup>**Palavras chave:** autonomia, colaboração, subjetividade e mediação

O livro *Formação online de educadores: identidade em construção* visa a partilhar as diversas percepções dos professores assistentes (PAs) do Programa de Formação Continuada (PEC) sobre si mesmos e o seu fazer. O PEC foi destinado aos professores da rede pública, em atendimento à LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), no que tange à obrigatoriedade de possuir formação de nível superior para o exercício da docência na educação básica. Os referidos PAs exemplificaram o sucesso da hibridação do conhecimento advindo das diferentes disciplinas, tradicionalmente dissociadas nos cursos de graduação, foram alunos do mestrado ou doutorado da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), parceira da Secretaria da Educação nesse programa, e se utilizaram da tecnologia para a mediação pedagógica em ambientes virtuais.

O trabalho do professor assistente foi essencialmente convidar o professor em formação a aceitar os desafios, alguns bastante significativos, que lhe foram oferecidos a cada sessão, atribuir um sentido e suscitar a reflexão sobre este fazer, usando apenas a linguagem escrita e os recursos das ferramentas disponíveis no *Learning Space* e no *Prometeus*, ambientes virtuais de aprendizagem utilizados no PEC.

Todas as relações que envolviam os professores assistentes, pelo inusitado até então e pela complexidade de sua ação, apresentavam certo grau de instabilidade. Pode-se afirmar que uma instabilidade estável, característica de um estado de desorganização que antecipa uma nova organização. Vista desta maneira, a instabilidade estável poderá ser algo necessário e almejado nos ambientes educacionais presenciais ou virtuais, e não mais como causadora de estranheza ou medo do inesperado, do incerto. O imponderável se transmuta em ponderável.

Seria previsível que, pela utilização da tecnologia como ferramenta pedagógica e pela carência de referências nesse setor, os relatos dos professores assistentes focassem nas possibilidades e limitações desses recursos. Entretanto, o que se evidenciou foi que a preocupação maior e, talvez, única foi discutir educação,

<sup>1</sup> Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Aglaé Cecília Toledo Porto Alves. Supervisora de Ensino da Diretoria de Ensino Norte 2 – São Paulo / capital  
Professora da COGEAE – PUC/SP - [aglae\\_porto@yahoo.com.br](mailto:aglae_porto@yahoo.com.br)

independente da sua modalidade, a partir do pressuposto já aceito de que tecnologia, comunicação e educação estão irremediavelmente associadas na atualidade.

Apesar da riqueza oriunda da diversidade de olhares sobre o mesmo objeto, pode-se facilmente observar que alguns conceitos permeiam todos os textos dos professores assistentes neste livro. São eles: autonomia, colaboração, subjetividade e mediação.

## AUTONOMIA

Falar sobre autonomia pode se tornar uma temeridade, pela exaustão com que foi e continua sendo utilizada como sustentação para discursos ideológicos, no mínimo suspeitos e, em consequência, vazia de sentido, transformada em algo simples ou banal, trivial ou corriqueiro, quando é, de fato, um conceito extremamente complexo e elaborado.

O exercício pleno da autonomia, para Kant, era viver seguindo o imperativo categórico, como uma moral universal, uma norma que possa ser entendida e vivida como uma lei máxima. Neste pensar, a função da educação visaria subsidiar o aprendiz para o alcance da liberdade, da autonomia, a partir da reflexão e da disciplina. Para o filósofo, essa emergência do si mesmo livre é gestada de modo preponderante em um grupo que não mais se submete às orientações ou normas preestabelecidas por outro, seja este o Estado, ou a religião, ou a economia e a política. O homem a serviço somente da sua razão.

É possível dialogar com Kant no sentido de que a busca irrefreável pela liberdade pode nos tornar, paradoxalmente, escravos. Escravos da busca e da manutenção de um estado livre fictício que nos impede de viver a liberdade. Fica-se preso, imobilizado por fortes grilhões em si mesmo, recusando o outro por medo de perder algo que nunca sequer possuiu.

Imaginar a existência de uma lei moral única e universal é pretender planificar toda a polifonia e polissemia do humano, é descartar o instante e as histórias de vida com seus respectivos repertórios, é rejeitar os múltiplos do eu. Nietzsche desconstrói a ideia de uma moral universal, mas reforça a autonomia, ao afirmar que haverá um futuro para a humanidade desde que ela depure todas as inverdades, “tudo que é fantasia, pura imaginação, divino muito divino e pouco humano, demasiadamente pouco humano”, até mesmo a existência de uma lei universal que englobe tudo e todos (NIETZSCHE, 2007, p. 9). Para atingir um estado livre, autônomo, deverá o humano “acabar por se concentrar sobre o homem em si, o homem diante de si mesmo, o homem dentro de si mesmo e envolvido consigo mesmo” (idem, p. 10).

Pensar no humano unicamente guiado pela razão é criar alguém desprovido daquilo que lhe pertence e constitui na origem. A história já demonstrou, durante o século XX, as atrocidades cometidas pelo humano em relação ao humano, pelo exacerbamento da racionalidade, desprovida da sensibilidade. O ápice da razão só se manifesta pela interlocução com a desrazão. Não é mais concebível ignorar a intuição, os sonhos, os devaneios, os estado pré-oníricos e os desejos. Um homem autônomo dialoga com as suas pulsões e fantasias para conhecê-las e reconhecê-las em suas manifestações, tornando-se, ironicamente, livre dos seus efeitos nefastos, quanto mais estreita é a convivência e o diálogo com e entre elas. É a coragem de tornar-se si mesmo, de virar-se ao avesso e procurar vasculhar os cantos de difícil acesso da consciência e, quem sabe, do inconsciente também, por meio das suas manifestações. Destas considerações emergem mais dois pensamentos, *a priori* contraditórios.

Primeiramente, para ser livre é preciso ser disciplinado, a fim de acatar a necessidade de viver em um estado constante de reflexão sobre si mesmo, sobre o seu querer e sobre o seu fazer. Passa-se a desejar, como o próprio Nietzsche, “me repousar de mim mesmo e quase para me esquecer a mim mesmo” (idem, p. 20). O homem livre está condenado a manter a interlocução permanente consigo mesmo para evitar deixar-se cair de modo involuntário nas artimanhas daquilo que historicamente o escraviza, por exemplo, o poder de toda a espécie. A vontade que não se sacia escraviza o homem, sendo a causa do seu sofrimento. Talvez, a vontade permitida seja somente a vontade livre de existir, até para pensar sobre o que é ser. O homem autônomo não se submete às suas vontades nem passa a existência querendo não querer o que quer. Ele conhece e reconhece suas vontades, e não simplesmente as reprime, mas negocia com elas. O homem que simplesmente reprime todas as pulsões é mais facilmente dominado por elas.

O segundo pensamento, que pode parecer inconsistente, entende o ápice da autonomia alcançado por meio da heteronomia, não mais uma heteronomia passiva, acríica, mas decorrente de uma escolha, ou seja, não é algo a que se é submetido, ou sujeitado, ou domesticado, mas uma opção voluntária, pela percepção de que a regra deve ser construída com o outro para uma convivência conjunta e harmoniosa. A percepção de que eu sou o outro e, portanto, obrigatoriamente, há uma interdependência. Eu não existo sem o outro. Um dos belos exemplos desta prerrogativa é o Buda que, ao atingir o Nirvana, decidiu “voltar” para procurar e conduzir o outro, em um processo individual, mas compartilhado, da construção da autonomia. Não haveria sentido em estar só no Nirvana, é o outro que compõe com o eu mesmo, criando o todo. É na manifestação máxima da autonomia que se encontra a heteronomia voluntária, desejada e independente na própria dependência.

A autonomia proposta e vivenciada pelos PAs pode encontrar a sua melhor metáfora no epifitismo, representado pela orquídea, considerada uma das mais belas flores do planeta. Ela possui absoluta independência, não é parasita, nem ao mesmo comensal. Entretanto, apesar de sua capacidade de viver por si própria, escolhe um substrato do qual nada retira, apenas compartilha um espaço que a provê de mais luz e água para melhor florescer. Em contrapartida, a orquídea oferece a sua beleza, que poderá, além da fantástica explicitação do belo, favorecer o processo de polinização daquele que lhe serve de suporte. É a independência voluntariamente dependente. Foi este conceito de autonomia interdependente que perpassou todas as relações com e entre os professores assistentes, que foi divulgado e proposto no ambiente virtual e, também, o que foi mencionado nos textos deste livro.

### COLABORAÇÃO

O acesso, a partilha e a construção do conhecimento, que geram a desigualdade, sempre foram motivo de conflito na história da humanidade. Pode-se exemplificar esta afirmativa com o fato mítico de Prometeu que, ao roubar o conhecimento dos deuses e disponibilizá-lo entre os humanos, foi severa e infinitamente castigado por Zeus, que por sua vez foi acometido por um grande temor originado da previsão de um possível aniquilamento do humano pelo humano pela apropriação da técnica e do conhecimento. Para minimizar os embates e as desigualdades advindas do próprio saber, Zeus ofereceu aos humanos a política, cuja função primeira seria mediar as perturbações da convivência em um mundo civilizado, produtor e reproduzidor de cultura.

Desta forma, os homens abarcados do conhecimento perceberam a necessidade de uma regulação dos vínculos entre eles. Surge a ideia de um governo legitimado pelo coletivo que substitui o poder do indivíduo pelo poder da comunidade, gerando um mal-estar inerente da civilização, como propõe Freud. O homem fez a escolha de abdicar de um grau de sua liberdade para adquirir um nível maior de segurança, decorrente das exigências da vida em uma sociedade diferenciada pelo acesso ao conhecimento.

Neste mundo civilizado, mediado pela política, a competitividade do humano terá que ser substituída, em parcela significativa, pela colaboração, não somente por sentimentos altruístas, mas, sobretudo, para garantir a sua sobrevivência. Esta necessidade independe de qualquer das premissas sobre o espírito competitivo, ou daquela que afirma que o homem possui em sua origem uma natureza competitiva e agressiva, ou, defendendo a visão oposta, daquela que pressupõe que o seu caráter é

formado a partir do meio social que habita. A colaboração passa a ser uma variável essencial para a perpetuação da espécie, mesmo porque a espécie humana, sem o conhecimento e a cultura, é extremamente ou até fatalmente vulnerável.

Já na modernidade e na pós-modernidade, a colaboração passa a ser também reconhecida como um contraponto à lógica do capital e como uma proposta de superação da competição exacerbada e incentivada por ele. Apesar de a colaboração continuar sendo uma prática indiscutivelmente necessária, o capital possui a incrível capacidade de transformar a ordem “natural” das coisas e alterar qualquer tipo de resistência aos seus domínios, a seu serviço. Romper as amarras do capital é uma missão quase impossível. Assim, nesta lógica ilógica, a colaboração pode ser subvertida, acirrando a competição, uma vez que, como o valor está fundado na produção imaterial, fruto do trabalho intelectual, a colaboração e a partilha entre o coletivo relativizam e diluem o valor desse trabalho, favorecendo o mercado altamente competitivo. Desta maneira, é concedido ao capital o direito exclusivo de ser o explorador absoluto de um número cada vez maior de explorados colaboradores. Denunciar a inversão dos conceitos é procurar deslocar o véu que encobre a verdadeira fase dos mitos criados e propagados para desnudar a sua real aparência, e não simplesmente acreditar no que parece ser.

O surgimento das TIC provoca uma nova inquietação, ao obrigar o questionamento sobre a sua utilização. Elas poderão potencializar o conceito primeiro da colaboração ou favorecer a sua subversão, ao favorecer uma colaboração que contribua para a competição? As TIC não são meras ferramentas, elas induzem formas diferenciadas de estar e ser no mundo, reforçam e viabilizam a conciliação entre valores opostos representados, mais uma vez, pela mitologia grega, entre os deuses Apolo e Dionísio. Apolo representa a organização, a razão e a harmonia, enquanto Dionísio caracteriza a desorganização, a emoção e o êxtase. A vida no ambiente presencial ou atual e no virtual alterna entre estes dois **estados**, sem nenhuma definição prévia nem duração estabelecida.

A educação ganha mais um status: preparar a futura geração para aprender em processo, na mudança para a mudança, como aponta Imbérnon, para mudar as representações de um mundo que se mantém em constante mutação, desenvolver a capacidade de autogerenciamento baseada na confiança e esperar o tempo forte no qual haverá produção e partilha de conhecimento por meio da colaboração entre os humanos.

Os ambientes virtuais de aprendizagem colaborativa, como os descritos neste livro, representam novas possibilidades de comunicação, de atribuição de sentido ao fazer pedagógico, de avaliação do processo individual de aprendizagem, e se

configuram como um local privilegiado de formação de docentes. Enfim, um espaço colaborativo que visa a emancipação individual que comporá e desembocará no coletivo.

O pensar que subsidia todo o fazer dos PAs, ao fazer uso das TIC como ferramenta pedagógica, está calcado na retomada do conceito de colaboração como princípio que fundamenta sua prática.

### SUBJETIVIDADE

A educação foi entendida como a solução para tornar o homem civilizado, capaz de atingir a autonomia e agir em colaboração. Entretanto, o que foi tido como solução tornou-se a problemática, ou seja, a educação tradicional não atinge mais esses objetivos esperados e cobrados, visto que o nível de complexidade da sociedade, acrescido ao surgimento das TIC (tecnologias da informação e comunicação), alterou o seu modo de viver, existir, pensar, sentir e aprender.

A educação, em sua totalidade, não se encontra preparada para responder às causas, aos efeitos e à melhor forma de aplacar essa forte tempestade formada nos últimos tempos, que sem dúvida não é uma tempestade de verão, mas pode-se esperar calmamente o seu término e o rápido surgimento de bons tempos.

A educação assiste perplexa e quase imóvel a sua impotência diante das mudanças avassaladoras que acometem toda a sociedade, inundada pelas subjetividades humanas, que foram, historicamente, delegadas a um segundo plano e, no momento, clamam por se fazer ouvir e compreender em suas singularidades.

Insistir nos antigos modelos de educação, que contemplavam somente a objetividade, a razão, o ensino enciclopédico e propedêutico, está fadado ao total insucesso. Não é mais possível imaginar que a oferta de um manual que contenha instruções para os professores atenda ao nível de exigência e à heterogeneidade da população que precisa ser educada e se encontra ávida por soluções que ofereçam respostas a suas infinitas inquietações e necessidades.

Educação e tecnologia formam um binômio que não mais se separa e passam a se configurar como uma relação simbiótica. As TIC, segundo Guattari, não operam somente na inteligência humana, mas também na sua sensibilidade, nos seus afetos e fantasmas inconscientes. Elas agem no núcleo da subjetividade humana. Oferecer uma educação que faça uso pedagógico da tecnologia é condizente com a atualidade e procura atender a toda a gama de possibilidades que se apresentam.

As transformações tecnológicas nos obrigam a considerar simultaneamente uma tendência à homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade e

uma tendência heterogenética, quer dizer, um reforço da heterogeneidade e da singularização de seus componentes. É assim que o trabalho com o computador conduz à produção de imagens abrindo para universos plásticos insuspeitados (GUATTARI, 1992, p. 15).

Trabalhar com a subjetividade humana por meio das TIC é apresentar uma forma de recomposição da existência, de descarte da repetição, de abandono da mesmidade do mesmo, de pensar o já pensado. Passa-se a privilegiar a singularização do humano e a criar condições de manifestações de afetividade que suscitem o desejo pelo saber, ou seja, o homem só quer aprender quando encontra algo que o afete. O que melhor poderia afetar o homem do que o afeto em si?

O livro está permeado de depoimentos das professoras em formação sobre a maneira afetiva dos professores assistentes, tanto na forma como no conteúdo de sua linguagem. O capítulo intitulado "O não mensurável na avaliação do professor on-line" é o desnudamento da força da subjetividade nos processos de aprendizagem colaborativa. Não existe uma unidade de grandeza que mesure conhecimento, aprendizagem e, principalmente, afeto, indispensável nas relações humanas. O texto trouxe o que se podia "sentir" sobre a aprendizagem das professoras em formação pelas evidências relatadas. Na verdade, é impossível dissociar o que se pensa do que se sente. Um dos grandes equívocos da educação tradicional foi pretender essa cisão. O mundo está em constante estado de convulsão, o que exige o desenvolvimento de novas práticas sociais em todas as instâncias. O sentido da existência se tornou inexistente. Assim, é fundamental voltar-se para o eu, para saber-se e saber ser nesse caldo caótico, a fim de propiciar a coexistência da produção de subjetividades, descartando todo o tipo de poder e autoritarismo, que tantos malefícios causam à humanidade.

Os ambientes virtuais podem ser o substrato propício para a criação de novas possibilidades de gerenciamento das subjetividades, por se configurarem como ambientes que ofertam voz e visibilidade a todos, mantendo os registros, o que propicia uma transparência no processo.

Guattari afirma que a humanidade se encontra em um ponto crucial: ou ela objetiva e "cientificiza" a subjetividade, ou busca apreendê-la em sua dimensão de criatividade processual. Parece que a humanidade só encontrará a sua almejada liberdade de optar pelo não encarceramento das suas representações e emoções, transformando o homem em cocriador de toda a criação humana, ao ser capaz não somente de consumir a produção científica ou artística, mas de recriá-la e ressignificá-la com os seus sentidos e imagens. Paradoxalmente, ao se permitir a criação de universos incorporais subjetivos é que se reafirmam os territórios existenciais objetivos.

É no desenvolvimento e no respeito a essa subjetividade que os professores assistentes procuraram focar e relatar as suas práticas, buscando uma relação de afetividade, de reconhecimento e de busca de um denominador comum, ou seja, a própria humanidade, com todos os envolvidos no processo de formação do PEC, apesar da grande diversidade, que forneceu a maior riqueza. É preciso reconhecer o comum, o igual, para ser capaz de somar as diferenças, as especificidades subjetivas do indivíduo, as quais compõem o todo.

### **MEDIAÇÃO**

O ápice do humano é a sua capacidade de dialogar e negociar, na tentativa de solucionar os entraves, para manifestar os seus sentimentos e se aproximar do outro. A ausência da mediação, em qualquer relação, é a explicitação da negação do humano. No diálogo, é preciso haver a total presença das pessoas pelo que são, a exteriorização da autenticidade, sem qualquer invasão da simples aparência, o que prejudicará a relação. O diálogo envolve o ato de tradução do conjunto de valores e sentimentos que estão sendo compartilhados e uma negociação sobre a hierarquia desses valores, desembocando no fenômeno de interação. As palavras não podem estar dissociadas de quem as fala, porque há uma relação interna entre o mundo exterior e a psique do indivíduo. “Um autêntico diálogo me conduz a pensamentos de que eu não acreditava, de que eu não era capaz, e às vezes sinto-me seguido num caminho que eu próprio desenhava e que meu discurso, relançado por outrem, está abrindo para mim” (MERLEAU-PONTY, 2007, p. 24).

É esse o tipo de diálogo esperado em ambientes colaborativos, que se concretiza por meio de uma mediação flexível, mutável, não escolhida por critérios hierárquicos, análoga à voz do “grilo falante” do Pinóquio, ou seja, aquele que está sempre presente, nem sempre bem-vindo, mas totalmente necessário, a fim de estimular a escuta da voz interna que guia as ações e traça caminhos já delineados e não seguidos. É o mediador que auxilia o reconhecimento do “eu”.

A linguagem na mediação é fundamental, principalmente em ambientes virtuais, em que toda a comunicação se baseia na escrita. O mediador deverá transbordar o seu eu através das suas palavras no ambiente, para que o outro possa sentir a sua presença. A linguagem sistematiza um mundo interno autônomo que inunda o mundo externo. É por ela que a unicidade eu e o outro se completa e se torna consciente. Eu sou o outro, é pelo outro que me revelo a mim mesmo.

O mediador é envolvido com o desencadear de ações emancipatórias, pelas quais o sujeito se revela, tornando-se o arquiteto de suas obras, desenvolve uma escuta sensível, preocupada com o outro, com o tempo sentido, com o extravasamento



das emoções, reforçando a complexidade do humano e a intersubjetividade. O eu do mediador e do mediado transborda na forma de um convite para que os envolvidos visitem e revisitem seus ninhos de origem para novas interpretações de seus "eus". É uma predisposição para enxergar as histórias de vida, para que os contratempos e entretempos se transformem em tempo forte.

A mediação se apresenta como uma possibilidade de satisfação dos desejos, das necessidades emergentes e mutáveis dos sujeitos, como um grande catalisador da comunicabilidade e sociabilidade dos diversos grupos humanos. O desejo de partilhar com o outro pode ser a invenção de um sentido para a vida. Sem o outro, não há sonhos, portanto não há vida.

### Conclusão

O processo de escrita deste livro pelos professores assistentes foi a própria reflexão e a vivência dos quatro conceitos: autonomia, colaboração, subjetividade e mediação, que subsidiaram as suas práticas enquanto professores on-line, desenvolvendo, no seu fazer, uma metarreflexão sobre a ação na ação.

### Bibliografia

- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- IBERNON, Francisco. *Formação docente e profissional*. São Paulo: Cortez, 2000.
- KANT, Emmanuel. *Crítica da razão pura*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- MERLEAU-Ponty, Maurice. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. 2. ed. São Paulo: Escala, 2007.

---

\*Obra resenhada:

HESSEL, Ana; PESCE, Lucila & ALLEGRETTI, Sonia (org.) *Formação online de educadores: identidade em construção*. São Paulo: RG Editores, 2009